



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Isabel Maria da Cunha Ivas de Rezende

**EXPRESSÃO AUDIOVISUAL NA JUVENTUDE:
POSSIBILIDADES DE RESGATE E VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA
INDIVIDUAL ATRAVÉS DA PRODUÇÃO AUTORAL**

**Belo Horizonte
2015**

Isabel Maria da Cunha Ivas de Rezende

**EXPRESSÃO AUDIOVISUAL NA JUVENTUDE:
POSSIBILIDADES DE RESGATE E VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA
INDIVIDUAL ATRAVÉS DA PRODUÇÃO AUTORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Me. Henrique Augusto Nunes Teixeira

Belo Horizonte

2015

Isabel Maria da Cunha Ivas de Rezende

**EXPRESSÃO AUDIOVISUAL NA JUVENTUDE:
POSSIBILIDADES DE RESGATE E VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA INDIVIDUAL
ATRAVÉS DA PRODUÇÃO AUTORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Me. Henrique Augusto Nunes Teixeira

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Henrique Augusto Nunes Teixeira – Faculdade de Educação — UFMG

Profa. Dra. Juliana Gouthier Macedo – Faculdade de Educação - UFMG

RESUMO

O presente trabalho surgiu a partir da observação sobre as dificuldades presentes no cotidiano escolar, como a falta de envolvimento e o interesse dos estudantes com a escola, a sua incapacidade de desconstruir a atual estrutura escolar que lhes é imposta e ainda a dificuldade do docente em lhes proporcionar uma percepção ampliada em relação ao assunto apresentado. Diante disso, procurou-se elaborar, ao ter como referência a produção cinematográfica autoral e as experiências fílmicas de Adriana Fresquet (2013), uma experiência de criação coletiva de um vídeo artístico/documental, realizado pelos estudantes do nono ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Belo Horizonte. Essa produção teve como objetivo o desenvolvimento da criatividade, a experiência em arte, a percepção de si mesmo, de suas potencialidades e ainda sua inclusão na sociedade, através do audiovisual. Para sua elaboração, tomou-se como princípio a ideia de alteridade de Alain Bergala (2008), em que os jovens realizadores desse trabalho necessariamente precisaram se colocar no lugar do outro. Outra consideração foi em relação ao conceito de autopoiesis de Humberto Maturana (1997), que propiciou a reflexão sobre a interação do jovem com o mundo, evidenciando a sua percepção e, conseqüentemente, a sua capacidade de autorreferência. Observou-se também a “prática de embrutecimento” de Jacques Rancière (2012), como uma das causas dos constantes conflitos existentes nas escolas. A realização do vídeo artístico/documental demandou conhecimento técnico e organização dos tempos e espaços da escola. O seu processo de produção e o resultado final demonstraram que a escola permanece em um lugar ainda aquém das potencialidades da juventude. Entender esses aspectos e dialogar sobre junto às gestões escolares e aos docentes são ações fundamentais para viabilizar essa prática libertadora.

Palavras-chave: educação; cinema; autopoiesis; alteridade; arte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
1.1	Objetivos do trabalho	08
2	AUTOPOIESIS E ALTERIDADE DO JOVEM	10
2.1	Metodologia	12
2.2	Cronograma proposto e cronograma efetivo.....	14
3	ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXIVA	16
3.1	Primeiro eixo do Plano de ação: exibição	19
3.2	Segundo eixo do Plano de ação: experimentação	23
3.3	Terceiro eixo do Plano de ação: produção	24
4	EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS: O PRODUTO FINAL	31
4.1	Criação	31
4.2	Edição	32
4.3	Exibição	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICES	40
	ANEXO	42

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como proposta o desenvolvimento de vídeos autorais por parte dos estudantes, dentro da disciplina de Arte, que tiveram como principal temática a memória de si e do outro e o exercício da alteridade que o cinema possibilita, principalmente quando inserido em um contexto escolar.

O estudo em questão buscou como cenário para o seu desenvolvimento a Escola Municipal Cora Coralina (EMCC). Esta pertencente à Rede Municipal de Ensino da Prefeitura de Belo Horizonte (RME-BH), inserida em um local, cujo entorno aparenta ser de classe média, com casas e ruas apresentando infraestrutura adequada, próximas a vias de circulação que são bem conhecidas da população da cidade. Mesmo com essas características, quando focamos o nosso olhar sobre a comunidade que é atendida pela escola, percebemos aspectos relacionados à carência econômica, falta de saneamento básico, principalmente das moradias próximas aos córregos da região, além das questões de violência decorrentes do tráfico de drogas. Essa falsa percepção inicial produz na escola um equívoco no entendimento das relações com a comunidade escolar, agravado pelo posicionamento de uma parte do corpo docente que não aprofunda o conhecimento do seu público, comprometendo assim as ações pedagógicas mais pontuais.

Diante disso, deparamo-nos com questões fundamentais para a educação, como a dificuldade do envolvimento dos estudantes com a escola, o seu desinteresse nas atividades desenvolvidas pelo corpo docente e, principalmente, a sua incapacidade de desconstruir a atual estrutura escolar que lhes é imposta, não questionada e imprópria para a sua real condição.

Além dessas questões/problemas, ao realizarmos uma observação contínua das práticas desenvolvidas pelos docentes em sala de aula, percebemos outras também relevantes para este estudo. São elas:

- A dificuldade do docente de proporcionar ao público atendido uma percepção ampliada em relação ao assunto que lhes é apresentado;
- A convivência conflituosa entre os colegas;
- A utilização de celulares, por parte dos estudantes, em momentos inapropriados, criando atritos com os professores;

- A percepção dos estudantes sobre a diversidade das produções cinematográficas, os meios de comunicação, em especial a televisão, os reality shows, novelas e até telejornais. Nesse aspecto, também é importante considerar a influência de uma ditadura visual e sonora que leva o jovem a crer que não existe nada além disso e, por isso, deve ser aceito. Essa imposição afeta, inclusive, os valores éticos nas relações cotidianas;
- Ambiente escolar apático e estéril imposto ao jovem, seguindo a antiquada crença escolar de que a limitação de estímulos na sala de aula proporcionaria um bom aprendizado.

No que se refere ao espaço físico da escola, a edificação apresenta já 28 anos de idade. Com uma rede elétrica e hidráulica que sofre com o desgaste do tempo. O formato das salas de aula segue o modelo comumente adotado nas escolas da (RME-BH): salas retangulares, pintadas de bege, distribuídas em volta de um pátio central. Os demais espaços (secretaria, direção, biblioteca, coordenação, cozinha e refeitório) também são voltados para o mesmo pátio. Em relação à acessibilidade, a escola também sofre, assim como tantas outras, com a inadequação ao trânsito de pessoas com deficiência. Faltam rampas de acesso ao segundo andar, ao laboratório de informática e às quadras. Em relação ao laboratório de ciências, encontra-se abarrotado de livros antigos e, por isso, inutilizado. A sala de Arte, por apresentar um tamanho pequeno para uma turma de trinta estudantes, não atende às necessidades reais dessa disciplina. Outro elemento físico que começa a chamar a atenção devido ao seu excesso é a existência de grades dividindo os setores da escola: elas aparecem separando o pátio das salas de aula, dos laboratórios, secretaria e quadras, além das de um corredor de salas de aula para o outro.

Chamamos a atenção para um espaço fundamental para a realização de um projeto de cinema na escola: a sala de vídeo (ou multimeios), pois fica relativamente isolada, portanto, distante dos sons do recreio. É acessível a cadeirantes e possui capacidade máxima para sessenta pessoas. Outras características são o telão retrátil, sistema de som e datashow instalados no teto. Mesmo com essas qualidades, apresenta-se pouco arejada, com cadeiras mal conservadas, ventiladores precários e o aparelho de TV de plasma com defeito. Tais pontos

negativos são resultado da ausência de projetos de estímulo à conservação do espaço físico da escola.

Em relação à turma 904 com a qual realizamos o projeto, esta apresenta desde 2012, quando estava no 7º ano, um convívio relativamente isolado em relação às outras, uma vez que era a única de sua etapa no turno da tarde da escola (FOTO1).

Foto1: Sala de aula da turma 904.



Fonte: arquivo pessoal.

Ao analisarmos o nível de convivência entre estes jovens, percebemos que a simples diferença de um ano de idade já produz a separação entre os grupos. Essa separação é visível, sobretudo, entre aqueles que estão com os seus 12 a 13 anos e os que já se encontram na faixa etária de 14 a 15 anos. Estes se entendem como um grupo de destaque na escola, uma vez que é o seu último do ensino fundamental. Nele, o foco das ações gira em torno da camisa de formandos, arrecadação de dinheiro para a festa de final de ano, passeios e excursões da turma. Como a turma 904 estava isolada no turno, essas ações que costumam estimulá-los a prosseguir na última etapa ficaram enfraquecidas, repercutindo em todas as disciplinas que exigiam o protagonismo desses jovens. Como resultado desse contexto, temos uma turma que se envolve pouco nas atividades

diferenciadas, mas possui alguns poucos estudantes mais motivados. Esses, no entanto, perdem-se quando lhes é exigida a realização de algum trabalho com um grupo maior.

Sobre a sua relação com a disciplina de Arte em 2014, a turma 904 excepcionalmente possui duas aulas semanais, o que, inclusive, foi um dos motivos para escolhê-la como objeto da ação. Outro motivo foi ela ter participado, em 2013, do projeto relacionado ao cinema, teatro e arte performática. Mesmo assim, os seus estudantes não aparentam interesse no envolvimento das ações propostas pelos motivos já apresentados.

Este trabalho encontra-se dividido cinco seções, além desta introdução, apresenta os objetivos específico e geral; na seção 2, uma elucidação sobre auto-poiesis e alteridade do jovem, a metodologia utilizada, o cronograma proposto e o cronograma efetivo; na seção 3, a análise crítica e reflexiva; na seção 4, as expectativas e as perspectivas da proposta de intervenção, o produto final; na seção 5, as considerações finais, e, após, as referências, os apêndices e o anexo, que se seguem.

1.1 Objetivos do trabalho

O objetivo focal deste trabalho foi desenvolver com os estudantes a criatividade, a experiência em Arte, a percepção de si mesmo, de suas potencialidades e sua inclusão na sociedade, através do audiovisual.

No plano mais específico, foram definidos outros objetivos que possibilitaram o desenvolvimento das ações propostas:

- Elaborar junto aos estudantes, de forma coletiva, um vídeo de 5min, artístico/documental, em que, além das possibilidades da própria mídia, exercite também capacidade de se olhar no outro e de reconhecê-lo;
- Proporcionar aos estudantes o desenvolvimento da autorreferência, questionando e interferindo no espaço escolar que os norteia, através da observação, registro e reflexão de ações cotidianas relacionadas a indivíduos específicos;
- Ampliar junto ao corpo docente as práticas pedagógicas que o cinema possibilita, além do simples ato de ilustrar ou complementar um conteúdo;
- Apresentar aos estudantes a produção nacional, de forma contextualizada,

além de criticar e historicizar o cinema hollywoodiano. Essa ação objetiva desmitificar alguns conceitos introjetados pelo *mass media*, acerca dos filmes que são realizados no país e no exterior.

2 AUTOPOIESIS E ALTERIDADE DO JOVEM

A figura de Alain Bergala, em *A Hipótese do Cinema* (2008), sintetiza a essência deste projeto. Sua afirmação sobre a importância do fazer artístico na escola é notável. Esse fazer artístico, ressaltando aqui o cinema, obviamente, deveria estar presente nas práticas de todos os docentes da escola, não apenas como um instrumento didático-pedagógico, mas sim como a possibilidade de transgressão e transformação que só o fazer artístico, a realização, possibilita. Para tanto, Bergala utiliza os termos *leitura da criação* e *passagem do ato*, que expressam a importância da aproximação, compreensão e, ao final, a produção de filmes pelos estudantes. Outro aspecto observado em Bergala, o grande motivador do Plano de ação, é a questão da *alteridade* e sua absoluta importância na formação da juventude. Quando propomos um exercício em que o jovem seja levado a conviver e registrar situações em que ele necessariamente precisará se colocar no lugar do outro, estamos realizando plenamente a concepção de Bergala.

Ao refletir sobre o exercício da alteridade, vemos, nesses registros filmicos, um autorretrato, em que o jovem é levado a apresentar algo de si mesmo em um processo de encenação do outro. Ao expressar-se dessa forma, ele exterioriza os seus próprios desejos e preocupações. Surge, a partir disso, um movimento cíclico e dependente, em que a imagem do retratado seja em uma história de violência ou amor, revela algo de quem o retrata e ainda afeta quem o assiste, o espectador. Esse afeto surge devido à proximidade do espectador em relação ao contexto do autor/retratado. Ao considerarmos esses aspectos, fica evidente a força das imagens produzidas pelos jovens, como uma representação dos processos libertadores que a escola proporciona ou deveria proporcionar.

Assim como Bergala, Adriana Fresquet deixa evidente a importância da capacidade de alteridade do cinema. Nesse processo, o *aprender*, *desaprender* e *re-aprender* apresentam-se como propostas de realização extremamente dinâmicas e interativas: “Sempre tive a sensação de que, ao assistir a alguns filmes, temos a possibilidade de escovar nossa vida a contrapelo, ampliando a passagem da memória para a imaginação, pelas ideias afetadas por imagens e sons.” (FRESQUET, 2013b, p. 03).

Diante desses aspectos, entendemos que a marca principal deste trabalho é o constante diálogo com os estudantes, em um movimento de idas e vindas, que

possibilitaram a condução e o avanço do processo de aprendizado. Cada etapa expressa o princípio da transformação, mudança, reaprendizados (dos estudantes e professores), que objetivam despertar a sensibilidade para a autocompreensão dos jovens.

Também em relação a esse movimento dinâmico de desaprender e reaprender, que buscam sua culminância na referida vivência e registro visual em vídeo dos estudantes, podemos encontrar, em Rancière (2012), conforme sua afirmação sobre a posição do espectador diante do saber, a necessidade de uma postura reflexiva, tanto dos jovens quanto dos docentes, para essa ação.

Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viveu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante de si. Participa da performance refazendo-a à sua maneira, furtando-se, por exemplo, à energia vital que esta supostamente deve transmitir para transformá-la em pura imagem e associar essa pura imagem a uma história que leu ou sonhou, viveu ou inventou. Assim, são ao mesmo tempo espectadores distantes e intérpretes ativos do espetáculo que lhes é proposto. (RANCIÈRE, 2012, p. 17).

Ao relacionar essas considerações e ainda trazer à luz o princípio da alteridade já mencionado, podemos perceber que a capacidade de reflexão do espectador está interligada ao exercício do realizador de expressar a si mesmo, através do sujeito retratado. Nesse entendimento, o conceito de autopoiesis (MATURANA, 1997, p. 35-36) relaciona a interação do jovem com o mundo, evidenciando a sua percepção e, conseqüentemente, a sua capacidade de se autorreferenciar. Esta autorreferência é o que fundamenta as práticas adotadas pelos estudantes na sua convivência diária com os colegas.

A necessidade constante de autoafirmação do estudante, de construção contínua do eu, em um processo escolar, que procura homogeneizar, através da *prática de embrutecimento* (RANCIÈRE, 2012, p. 14), é uma das causas dos constantes conflitos existentes nas escolas. Esses conflitos são vistos de forma equivocada pela sociedade, em especial pelos docentes, não como uma expressão da individualidade, mas como de uma coletividade. Essa visão coletiva que implica no desejo de unificação e controle provoca as situações de conflitos já mencionadas.

Nesse sentido, a possibilidade de autorreflexão proposta pelo registro do outro possibilitaria ao jovem a consciência de si mesmo, a aceitação e a valorização do próprio eu.

Em face dos pressupostos teóricos acima apresentados, fez-se necessário a utilização de uma metodologia que considerasse a diversidade presente na juventude e, conseqüentemente, no ambiente escolar. Tal diversidade caracteriza-se, sobretudo, pelas diferenças étnico-raciais e de gênero. Diante disso, observa-se entre esses jovens o desejo de autoafirmação e, ao mesmo tempo, de pertencimento a um grupo, criando uma situação antagônica que promove disputas entre os sujeitos presentes na escola. Para lidar com tal cenário, foram pensadas ações que tivessem como foco o desenvolvimento de uma “integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica” (PCN, 1997, p.25), dentro da “Proposta Triangular” formulado por Ana Mae Barbosa. Esta se mostrou adequada, à medida que permitiu que a produção autoral dos estudantes fosse realizada de forma crítica e consciente, com os aspectos estéticos relacionados ao cinema, com o espaço escolar e ainda com o desenvolvimento da autopercepção e o reconhecimento do outro.

2.1 Metodologia

O trabalho foi desenvolvido durante o segundo semestre de 2014 para a turma 904 do 9º ano da EMCC. Consideramos para a escolha da turma o número de aulas da disciplina de Arte, duas aulas semanais. A partir disso, elaboramos e desenvolvemos as seguintes ações:

a) Identificação das possibilidades de criação dos estudantes, o seu foco de interesse e as formas de interação com os colegas, essenciais para o desenvolvimento de um bom trabalho coletivo. O resultado desse trabalho é a desinibição que acontece naturalmente entre os jovens quando estão juntos, tornando-se um fator fundamental para que eles tenham “coragem” de se expor através das imagens.

b) Apresentação de filmes autorais, nacionais e estrangeiros, com a discussão antes e após a sua exibição. Tais filmes contemplaram a temática que possibilita o aprofundamento do conhecimento sobre a história do cinema e estilos cinematográficos: *Cinema Paradiso*, de Giuseppe Tornatore (1988), *Viagem à Lua*, de George Méliés (1902), *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin (1936) e

Domésticas, de Fernando Meirelles (2001).

c) Realização de exercícios cinematográficos, tendo como referência as propostas apresentadas em *Currículo de Cinema para Escolas de Educação Básica* de Adriana Fresquet (2013b, p, 89-98). Realizou-se exercícios simples, como o “Minuto Lumière”, criação através dos sons e “Filmado-Montado”, que foram apresentados e discutidos com a turma, pontuando sempre os aspectos estéticos, positivos e negativos, das imagens produzidas por eles.

d) Elaboração de textos como introdução do exercício da alteridade e autorreferência. A partir deles, os personagens do vídeo artístico/documental foram escolhidos. A sua principal característica foi apresentar experiências que não tenham sido vividas pelos estudantes.

Foram apresentadas algumas sugestões para os estudantes, que objetivaram simplificar o desenvolvimento do texto e são pertinentes à sua faixa etária e ao espaço escolar. Algumas delas:

- Dificuldades vividas por pessoas com deficiência no espaço escolar;
- Gravidez na adolescência;
- Desafios na rotina de trabalho um professor ou professora;
- Situações de preconceito racial ou de gênero.

Esse exercício resultou na formação de cinco grupos, uma vez que apenas um deles realizou a produção do vídeo.

e) Registro das imagens. Ao final dessa etapa, que ocorreu em dezembro de 2014, obtivemos o material bruto para a edição do vídeo.

f) Edição do material registrado pelos estudantes. Essa ação, a princípio pensada para ser realizada em dezembro de 2014, precisou ser revista em função das demandas que a escola sofria naquele período: avaliações sistêmicas, conclusão de ano letivo e ainda o trabalho resultante da minha função de coordenadora/professora. Em fevereiro de 2015, o material criado por eles foi editado. Essa edição foi realizada via online, com a colaboração de representantes do grupo, uma vez que esses já não estavam presentes na escola.

g) Exibição do vídeo para a escola. Essa ação, assim como a anterior, também sofreu uma grande mudança devido aos mesmos motivos já mencionados anteriormente.

2.2. Cronograma proposto e cronograma efetivo

O cronograma abaixo, exposto no quadro 1, foi elaborado no momento da criação do Plano de ação em agosto de 2014. O período de ocorrência de cada uma das ações propostas foi complexo, considerando a minha função como professora e não como a de coordenadora, pois, até aquele momento, vivia uma situação relativamente estável com as minhas condições de trabalho.

Quadro 1: Cronograma proposto

Atividades	Meses/2014				
	Ago	Set	Out	Nov	Dez
a	X				
b	X	X	x		
c	X	X			
d		X			
e			x	X	
f					X
g					X

Fonte: autoria própria.

Essa situação sofreu uma reviravolta devido à necessidade de substituição da coordenadora principal, que se encontrava em licença médica, e da falta de duas professoras de língua portuguesa no quadro de docentes. Diante disso, acabei demandando mais atenção à minha função de coordenadora do que à de professora, isso interferiu no meu planejamento. A seguir, o quadro 2 registra o meu planejamento diante dessa situação:

Quadro 2: Cronograma efetivado

Atividades	2014					2015	
	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Fev	Mar
a	X						
b	X	X	X				
c	X	X					
d			X				
e				X	X		
f						X	
g							X

Fonte: autoria própria.

No quadro 2 acima, é possível perceber que as atividades *d*, *e*, *f* e *g* sofreram mudanças no seu cronograma. A elaboração de textos como introdução do exercício da alteridade e autorreferência, *item d*, sofreu um adiamento de execução de setembro para outubro de 2014. O registro das imagens, *item e*, que só poderia ocorrer após a execução da etapa anterior, passou dos meses de outubro e novembro para novembro e dezembro de 2014. A edição do material registrado pelos estudantes, *item f*, também foi afetada pelo atraso anterior e foi adiada do mês de dezembro de 2014 para o ano seguinte, em fevereiro, após as férias escolares. Finalmente, a exibição do vídeo para a escola, *item g*, em consequência de todas as mudanças anteriores, foi alterado de dezembro de 2014 para março de 2015.

Este trabalho, com todas as modificações necessárias, resultou na análise crítica e reflexiva, que veremos a seguir.

3 ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXIVA

A aplicação das ações pedagógicas elaboradas no Plano de ação ocorreu na escola na EMCC e se concentrou nos meses de agosto a outubro de 2014. Inicialmente divulguei o projeto à direção da escola através da “Solicitação para autorização para desenvolvimento de pesquisa” (APÊNDICE A) e, em seguida, aproveitei-me da oportunidade de uma reunião de pais e/ou responsáveis, para tratar de questões relativas ao desenvolvimento pedagógico da turma, conversei com eles a respeito do projeto e solicitei a assinatura no “Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos sem fins lucrativos” (APÊNDICE B).

As ações deste Plano foram pensadas e amadurecidas desde 2013, quando desenvolvi, junto aos estudantes do final do ensino fundamental daquele ano, atividades relacionadas ao cinema, teatro e arte performática que transitam pela produção audiovisual. É importante mencionar que, naquele ano, após três anos atuando como diretora e um ano como parte de uma equipe de monitoramento pedagógico, ou seja, após quatro anos, distante, finalmente voltei para a sala de aula.

Havia nesse retorno um sentimento motivador que pretendia transmitir aos jovens. Para tanto, acabei cedendo ao desejo de desenvolver o assunto proposto com um número excessivo de turmas, com cerca de trinta estudantes cada, que, de forma geral, empenharam-se e se envolveram para produzir um material extremamente rico. Minhas expectativas em relação a esse projeto eram a de possibilitar aos estudantes a abertura para o reconhecimento de uma produção audiovisual artística, e ainda o desenvolvimento da sensibilidade através da realização e exibição de das imagens produzidas por eles.

Entre o referido material produzido, estavam vídeos com ideias e roteiros por eles mesmos elaborados. Essas ideias não tinham qualquer temática específica e poderiam variar de comédia a suspense. A escolha dessa proposta surgiu a partir da discussão sobre o significado da arte performática, a sua relação com o teatro e ainda a ressignificação artística, que ocorre quando uma performance perde o seu caráter efêmero ao passar pelo registro audiovisual. Esses conceitos abstratos e a proposta de elaboração em grupos de uma performance, devidamente registrada em

vídeo, que fosse realizada durante as aulas, foram recebidos pelas turmas de 2013 com resistência devido à dificuldade de compreensão.

Considerando isso, alguns grupos de estudantes solicitaram a substituição da referida performance pela produção de vídeos com roteiros ficcionais. Ainda assim, conseguimos que dois grupos realizassem uma performance em dias diferentes e durante o recreio. Elas consistiram em “Abraços Gratuitos”, em que os estudantes de uma turma de nono ano percorreram a escola abraçando todos que encontravam pela frente, colegas, professores, pais e funcionários. A outra performance tratou sobre o tema bullying, em que um grupo de quatro jovens sentaram-se em círculo no meio do pátio, carregando placas com os dizeres: raiva, inveja, tristeza e depressão, enquanto um quinto estudante do mesmo grupo circulava em torno deles proferindo ofensas aos quatro que estavam no chão. A reação de alguns colegas, ao assistirem essa cena, especialmente os do sétimo ano foi de indignação. Obviamente que, logo em seguida, eles eram esclarecidos sobre a real intenção dessa ação. Os grupos restantes pertencentes às quatro turmas envolvidas no projeto produziram sete vídeos que tinham como roteiro um suspense fantasmagórico, uma partida de futebol que termina em briga, o aniversário de um programa de auditório, uma comédia sobre briga entre vizinhas de uma comunidade, uma comédia com valor moral, um desenho de animação sobre um assalto e, finalmente, um telejornal humorístico. A finalização do projeto seria a edição e exibição das imagens durante um evento na escola, porém, devido ao excesso de turmas envolvidas nessa ação, não houve a conclusão planejada.

Ao analisar e comparar as duas experiências, a de 2013 e a do LASEB em 2014, é perceptível a partida de uma dimensão exagerada e muito ampla para uma que, a princípio, foi elaborada para uma turma e que, ao longo do processo, gradativamente se restringiu a um grupo bem pequeno de estudantes. Nesse processo, houve os seguintes questionamentos: Esse projeto realmente atenderá as necessidades criativas possibilitando o desenvolvimento e a reflexão em um grupo de adolescentes? A execução do projeto com um número grande de estudantes poderá ter o seu resultado comprometido? Esses pensamentos a princípio não eram tão perceptíveis e surgiram em decorrência das idas e vindas que o Plano sofreu ao longo do segundo semestre de 2014.

Tais idas e vindas caracterizavam-se pelas dificuldades de desenvolvimento das atividades propostas à turma, devido, algumas vezes, à dispersão dos estudantes, própria da idade, ambiente físico inadequado, pouco tempo para execução do projeto, dificuldades na organização e divisão de tarefas em um coletivo de trinta jovens e falta de organização prévia. Essas dificuldades enfrentadas são decorrentes especificamente de situações como: uso constante do celular durante a aula, retirando a atenção dos estudantes, atrasos no horário de entrada na sala, equipamento de vídeo da escola com defeito e falta de professores, o que comprometeu a organização das aulas. Diante disso, a reavaliação constante das ações e a proposição de novas estratégias a cada passo dado provocaram, ao mesmo tempo, a retomada do interesse dos jovens e a constatação da necessidade de otimizar o tempo, sempre muito reduzido na escola, através da redução em apenas cinco, do número de estudantes envolvidos no processo final.

Podemos considerar, entretanto, que, apesar dessa finalização ter apresentado o trabalho direto de poucas pessoas, a exibição das imagens tornou-se uma etapa de extrema relevância para a escola, em especial para a turma 904, a qual esses jovens realizadores pertenciam, uma vez que possibilita que todos participem e reconheçam esse processo. Como proposta para ações posteriores, fica a ideia de desenvolver esse projeto pensando sempre em um grupo menor de estudantes. É importante que ele seja itinerante, desenvolvido anualmente em apenas uma turma de uma mesma etapa, até que praticamente todas as turmas de jovens tenham oportunidade de realizar e exibir uma produção fílmica. Também para enriquecer mais ainda o projeto, os temas relativos à juventude poderiam ser trabalhados de formas diferentes a cada ano, permitindo que todos tenham acesso a essa formação.

Outras questões que surgiram a partir dos problemas enfrentados no projeto são possivelmente decorrentes das escolhas profissionais. Como professora de Arte, sou sensível ao fazer artístico e à educação. É perceptível a existência de cobranças sobre o reconhecimento e o resultado. Há sempre a necessidade mostrar algo à comunidade escolar, o tempo todo sob a avaliação dos pares. Na arte, fora do ambiente escolar, esse jogo parece ser mais permanente e ostensivo. As relevâncias das escolhas estéticas para o produto final, bem como a originalidade, são sempre

questionadas e julgadas. No ambiente escolar, essas escolhas ganham outra dimensão, é necessário e importante que sejam reconhecidas, uma vez que a disciplina de Arte é sempre colocada em terceiro plano. A rede pública de ensino hipervaloriza as disciplinas Língua Portuguesa e Matemática, ignorando a possibilidade da criatividade, originalidade e ousadia, aspectos ligados ao fazer artístico, uma vez que aparentemente são consideradas irrelevantes nas estatísticas educacionais.

3.1 Primeiro eixo do Plano de ação: exibição

Este eixo fundamental para o Plano de ação buscou desenvolver, através da apresentação de filmes autorais, nacionais e estrangeiros, com a discussão antes e após a sua exibição, a desmistificação da supremacia do cinema hollywoodiano, além da apresentação dos elementos estéticos e temáticos que possibilitaram o aprofundamento do conhecimento sobre a história do cinema: *Cinema Paradiso*, de Giuseppe Tornatore (1988); *Viagem à Lua*, de George Méliés (1902); *Domésticas*, de Fernando Meirelles (2001); *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado; *Do the Right Thing (Faça a Coisa Certa, no Brasil)*, de Spike Lee (1989); *Eternal Sunshine of the Spotless Mind (Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças, no Brasil)*, de Michel Gondry (2004); trechos dos filmes *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin (1936), *Taxi Driver*, de Martin Scorsese (1976), *O Iluminado*, de Stanley Kubrick (1980) e *Juventude Transviada*, de Nicholas Ray (1955).

A escolha dos filmes apresentados aos estudantes levou em consideração a sua importância, uma vez que são marcos no cinema em questão de atuação, com atores consagrados como James Dean, Robert de Niro e Jack Nicholson. *Juventude Transviada*, cena com James Dean bêbado na delegacia; *Taxi Driver*, monólogo de Robert de Niro em frente ao espelho; e *O Iluminado* (FIG. 1), momento em que Jack Nicholson tenta matar a esposa no banheiro. Todos esses filmes são considerados como clássicos do cinema e simbolicamente representam a transgressão, transformação e o conflito de gerações, elementos inerentes a qualquer discussão que se queira fazer sobre valores éticos, estímulos e protagonismo na juventude. Além desses aspectos, a estética dos dois primeiros tem muito a dizer sobre o

American way of life, em que uma pessoa se rebela diante do vazio de uma sociedade consumista, em uma situação de pós-guerra.

Figura 1: Frame do filme *O Iluminado*, de Stanley Kubrick, 1980.



Fonte: CINEMASECULOXX..., 2015.

A rebelião ou transgressão acontece quando ocorre o questionamento da moral imposta pela sociedade patriarcal em *Juventude Transviada*. Ocorre também quando o protagonista de *Taxi Driver* (FIG. 2), em um contexto pós-Vietnã, revolta-se ao perceber a subversão dos valores de liberdade e democracia. Quanto ao filme *O Iluminado*, feito com um senso sofisticado sobre simbolismo, em que apresenta estruturas arquetípicas, como um labirinto, percebemos uma discussão do ponto de vista filosófico. Essa discussão busca revelar a capacidade de cada um de tomar suas próprias decisões e não ceder facilmente à influência de terceiros.

A exibição desses trechos de filmes obteve uma reação melhor da turma. Alguns deles já eram conhecidos por ela, o que lhes provocou satisfação no reconhecimento das imagens e acima de tudo no seu entendimento. Um material muito complexo e diferenciado exibido repentinamente, em geral causa um estranhamento excessivo, é mais uma causa da já mencionada dispersão. No caso específico em que houve atenção da turma, exibíamos *Tempos Modernos* de Charles Chaplin. Vários estudantes reconheceram-no imediatamente através da

clara influência de sua atuação sobre diversos comediantes da atualidade, o que provocou uma ressignificação das imagens e a valorização do cinema autoral. Obviamente que o fato de ser uma comédia atraiu a atenção de todos, mas ainda assim não podemos deixar de considerar que essa foi uma experiência sensível de empatia com a história do cinema.

Figura 2: Frame do filme *Taxi Driver*, de Martin Scorsese, 1976.



Fonte: YOUTUBE, 2015.

Sobre a escolha do filme brasileiro *Domésticas*, de Fernando Meirelles (2001), para exibição e discussão com a turma, é importante destacar que o fato dele transitar entre o estilo mais comercial e o artístico do cinema brasileiro, faz dele uma ótima referência da produção nacional. Os estudantes ficaram atentos ao assisti-lo, muito em parte pela explicação de que uma pesquisa realizada sobre a função de domésticas, em que várias entrevistas foram realizadas com essas mulheres, foi o detonador da ideia de criação desse filme. Essa explicação também propiciou o entendimento de como podem surgir as ideias para uma criação cinematográfica. A organização antecipada também proporcionou uma maior concentração dos estudantes, uma vez que se evitou as interrupções na exibição. Durante a exibição, foram realizadas observações sobre os aspectos estéticos da obra que envolviam a escolha dos planos de filmagem, a referência às próprias entrevistas já mencionadas e o foco, em meio a tantas histórias apresentadas, no

conflito de gerações e, conseqüente, na transgressão da ordem representado pela filha adolescente, que busca um caminho diferente e a sua mãe que se conforma com a própria vida.

Para que todas essas exibições ocorressem, fez-se necessário a montagem dos equipamentos (datashow, notebook e caixa de som), tanto na sala de aula quanto na sala de vídeo. Devido ao tempo gasto para essa montagem, a turma ficava parcialmente atenta. A forma para contornar tal situação era a busca de acordos com os outros professores, como, por exemplo, a cessão posterior à própria aula em troca de uma que fosse seguida à minha, viabilizando assim a exibição do filme sem interrupções. Além disso, também oferecemos pipoca durante a exibição de *Cinema Paradiso*, sem perder a oportunidade de prepará-los sobre a temática do filme, bem como a trajetória dos seus realizadores.

Ainda assim, mesmo com essas estratégias, os estudantes conversavam entre si sobre assuntos alheios à temática do filme, utilizavam celulares ou até deitavam as cabeças sobre suas mesas. O alto grau de dispersão da turma e as tentativas de resgate ao objetivo da exibição tornavam o processo difícil e desgastante. Acrescenta-se a isso, o fato de eu estar, em 2014, na condição de professora/coordenadora, com a dificuldade de organizar os horários de planejamento que possibilitassem a preparação antecipada das exibições. Assim, além dos problemas corriqueiros de uma turma de adolescentes, ainda tínhamos de lidar com os problemas técnicos e de organização da escola.

Nesse contexto, surgiu o sentimento de descrédito e desestímulo. Esse sentimento está relacionado ao clima escolar e ao excesso de atribuições que assumira, sobrecarregando e comprometendo a realização do plano de trabalho. Eis, então, o desafio enfrentado durante toda a trajetória desse processo: criar momentos para o melhor planejamento das ações. Apesar de entender o que deveria ser a ação proposta e o que esperar dela, a ausência de uma preparação prévia impediu a antecipação de situações, como problemas técnicos e dispersão dos estudantes. Essa preparação deveria consistir em organizar o equipamento de forma adequada, evitando problemas técnicos, como falta de cabos e DVDs com defeito, e ainda a tranquilidade de entrar em uma sala de aula, sem carregar comigo os problemas relacionados à coordenação de uma escola: falta de professores e mediação de conflitos entre os jovens. Tal situação provocou o sentimento de

despreparo que interferiu no resultado do projeto.

3.2 Segundo eixo do Plano de ação: experimentação

Este eixo trabalhou de forma prática a realização de exercícios cinematográficos, teve como referência as propostas apresentadas em *Currículo de Cinema para Escolas de Educação Básica* de Adriana Fresquet (2013b). Esses exercícios simples, como o “Minuto Lumière” (FOTO 3), criação através dos sons e “Filmado-Montado”, foram apresentados e discutidos com a turma, pontuando sempre os aspectos estéticos, positivos e negativos, das imagens produzidas por eles.

Figura 4: Frame do exercício “Minuto Lumière”, realizado em junho de 2014



Fonte: Arquivo pessoal.

À medida que transcorriam as ações planejadas para essa etapa, observei que o interesse e a participação da turma oscilavam entre uma aula e outra. (FIG. 4). Sempre que elevávamos o nível de complexidade das ações, acontecia uma dispersão dos estudantes. Não porque eles não queriam realizá-las, mas porque as achavam muito complicadas.

Figura 4: Frame da interpretação cinematográfica do filme *Taxi Driver*, em agosto de 2014.



Fonte: Arquivo pessoal

Existe aparentemente, entre os jovens, uma subestimação da sua capacidade de criação, talvez pelo fato que, ao longo de sua trajetória escolar, sempre foram pouco estimulados. Nela, os momentos de criação restringiam-se à elaboração de redações, em que o foco é sempre a ortografia e a construção gramatical, mas raramente a criatividade. Ao observarmos e compararmos o ensino fundamental à educação infantil, percebemos que nesta são oferecidos estímulos à produção criativa, que acabam sendo interrompidos durante a transição. Ao tentarmos retomá-los na adolescência, ocorre a resistência e as dúvidas sobre a capacidade de autorrealização.

3.3 Terceiro eixo do Plano de ação: produção

Este último eixo, em que ocorreram as principais mudanças no Plano de ação, apresentou como objetivo a elaboração de um vídeo que buscou priorizar as situações de alteridade que o jovem vivencia ou deveria vivenciar no ambiente escolar. Para tanto, apresentei aos estudantes algumas sugestões pertinentes à sua faixa etária:

- Dificuldades vividas por pessoas com deficiência no espaço escolar;
- Gravidez na adolescência;
- Desafios na rotina de trabalho de um professor ou professora;
- Situações de preconceito racial ou de gênero.

Nesse ponto, percebi um equívoco na concepção das ações do projeto, a orientação para turma e não para o jovem enquanto indivíduo. Quando o estudante não é visto de forma individualizada, mas apenas inserido em um coletivo, as ações perdem o seu significado e o resultado, em geral, fica contaminado pelo desestímulo e dispersão.

Essa percepção e a conseqüente mudança no Plano de ação relacionam-se ao conceito de autopoiesis, “cujo centro de interesse é a *capacidade interpretativa do ser vivo*, que concebe o homem não como um agente que “descobre” o mundo, mas que o constitui (MATURANA, 1997, p. 35-36).

A reflexão sobre esse conceito e a procedente reavaliação da concepção do projeto surgem também como resultado das discussões em torno da disciplina “Currículo: teorizações e políticas”, oferecida pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – Laseb/FAE, ministrada pela professora Shirlei Rezende Sales. Nessa discussão, observou-se que o plano curricular deve buscar a expressão do desejo do sujeito, procurando sempre proporcionar ao jovem o movimento, a diversidade de trabalhos e ritmos, sempre evitando a cristalização (PARAÍSO, 2010). Fazer isso é demonstrar que estamos vivos, o que é o oposto de imutável. Ser um sujeito vivo em uma escola é estar em constante diálogo e mudança, interferindo e reorganizando o espaço diariamente, cada um em seu ritmo.

Diante disso, defini junto aos estudantes uma nova estratégia para resistir a esta condição pretensamente imutável: a flexibilização dos temas e elaboração dos roteiros. Podemos dizer que esse último praticamente não existiu, uma vez que apenas um grupo procurou elaborar um texto orientador sobre as imagens que eles imaginavam para o assunto escolhido. O assunto em questão era violência sexual. Nada de drogas, racismo ou bullying, mesmo que fossem assuntos amplamente discutidos na escola pelos docentes.

Dentre os cinco grupos, três abordaram o assunto violência sexual, abuso e

desamparo. Essa escolha traz a reflexão sobre o que realmente caiu na banalização da juventude e o que ainda lhes provoca afeto. Percebi que uma parte considerável da turma entendia que a possibilidade de que alguém próximo tenha seu corpo violado era algo hediondo. Essa percepção surgiu a partir da observação das conversas surgidas entre os estudantes, que comentavam sobre uma colega que sofreu um estupro no ano anterior.

A partir desse momento, a ação urgente a ser realizada era o registro imediato das imagens e a sua edição. Deparei-me com a seguinte situação: propor ações com os jovens é sempre um desafio. Em geral, percebemos uma grande resistência, não pela falta de interesse, mas pelo receio de errar. Quanto mais complexa e rígida a ação, maior é a desmotivação. Quando proporcionamos a liberdade de intervenção no próprio processo, mais eles sentem-se à vontade para produzir. O excesso de regras inibe e, algumas vezes, destrói o desejo de se expressarem. Fica, no entanto, o desafio de evitar que eles se percam em meio a essa liberdade, pois, mesmo que esses jovens atinjam uma amplificação visual durante o processo, se o resultado final não for palpável, existe o perigo da banalização dessa expressão audiovisual.

Outro aspecto importante a ser considerado foi que, desde o primeiro momento, eu tive o interesse, a expectativa, de abrir portas com os jovens. A expectativa que eles se abrissem e se expressassem de forma sensível. Isso só seria possível a partir do momento que eles fugissem àqueles estereótipos, frases feitas, àquele cinema Hollywoodiano sempre difundindo em seu cotidiano. Isso só aconteceria a partir do momento que eles se posicionassem criticamente e tivessem coragem de expor a própria sensibilidade e valorizar o que é específico de cada um e não aquilo que os torna parte de um grupo que se força as opiniões para compartilhar as mesmas ideias. O senso comum precisa ser superado para permitir que cada um seja ouvido. É na própria individualidade, na autoexpressão, que existe a possibilidade de se autoressignificar. Oferecer outros sentidos para a própria vida, superando todos os clichês e as situações opressivas presentes no contexto escolar. Sair de um esquema de imposição social, em que os jovens excluem-se socialmente, superando essa condição para se tornarem seres criativos, com uma opinião apurada e um olhar crítico para toda a sociedade e, conseqüentemente, para a própria escola.

Mesmo com a importância dessas reflexões e do desejo de que o vídeo fosse realizado por mais de um grupo, obtive a participação de apenas cinco estudantes que se reuniram fora do horário de aula para produzir as imagens. Não posso deixar de mencionar um sentimento de frustração e dizer que ele provavelmente surgiu de uma posição de autocobrança excessiva, justamente por estar demasiadamente envolvida com a pertinência dos temas escolhidos como geradores. A violência corporal, o estupro, são questões que criaram uma forte motivação. Surgiu daí o receio do fracasso, que perpassa também pelo risco da banalização do assunto e que a sua seriedade se perdesse. Como estratégia para superar esses conflitos, busquei organizar momentos com os estudantes fora do meu horário de trabalho e flexibilizei junto a eles a construção do seu processo criativo, permiti inclusive o improvisado.

Como orientação para o registro das imagens e considerando que eles tinham apenas um texto sobre o assunto, expliquei que o melhor jeito de convencer uma pessoa sobre a história que você quer contar é saber contar. Isto é, saber contar é quando você está preocupado com as questões estéticas. Como exemplo, mencionei um filme bem interessante, que era o caso de uma travesti que foi assassinada em São Paulo. O cineasta René Guerra realizou um filme sobre em formato de documentário, com o nome *Quem tem medo de Cris Negão*. Ele apresentou, além do preconceito relacionado à cor da pele, o da preferência sexual, discutiu, portanto, um assunto mais polêmico. Do ponto de vista estético, ele optou por fazer esse documentário de forma bem crua, simples e seca. Não houve a preocupação de ornamentar as imagens, que apresentavam entrevistas com as pessoas que eram próximas e conviviam com a travesti. Após esse breve comentário, solicitei que eles ficassem atentos aos ruídos e registrassem as suas falas também no celular, o que auxiliaria na edição do áudio. Solicitei também que eles pensassem na iluminação, procurando lugares bem iluminados na escola, aproveitando que naquele dia não havia outros estudantes no local. Aproveitei para explicar sobre a trilha sonora e que pelo fato do vídeo não ter como objetivo o lucro financeiro, que as músicas poderiam ser utilizadas com uma relativa liberdade (FIG. 5.)

Figura 5: Frame da aula com a orientação para o registro das imagens em novembro 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

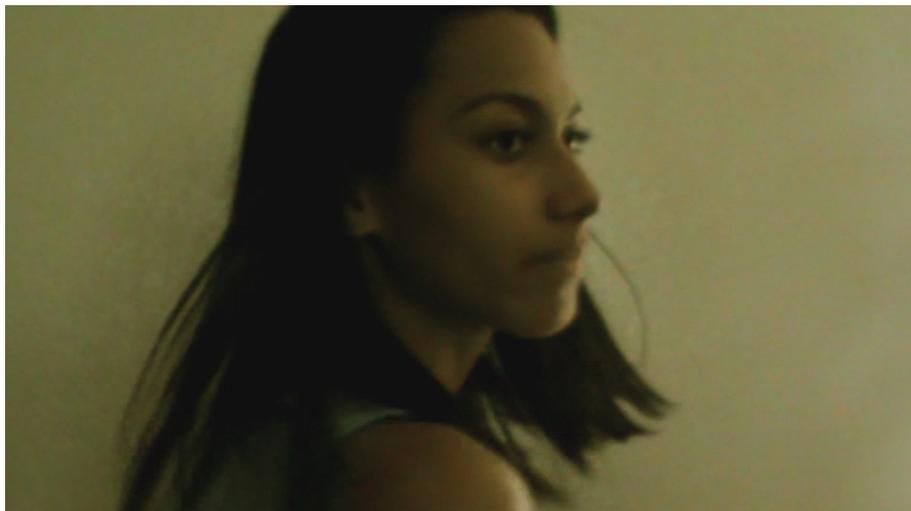
Outra sugestão foi que eles utilizassem imagens que não fossem obrigatoriamente preparadas para o filme, mas que funcionassem como um enriquecimento estético às suas falas, desde que relacionadas ao assunto violência sexual. Comentei que há muitos cineastas que juntam várias experiências em suas vidas e entregam isso para os seus filmes, sem descaracterizá-las ou tirarem o seu sentido.

Ao analisar o produto final registrado pelos cinco estudantes, fiquei surpresa com o resultado, uma vez que esses jovens não demonstraram, durante essa ação, a concentração no desenvolvimento do assunto proposto. O registro ocorreu em um dia que não havia aula, portanto, havia tranquilidade suficiente para a elaboração das imagens. É importante mencionar que, até nesse momento, acreditava que eles estivessem um pouco mais centrados, refletindo um pouco sobre o seu processo de criação e planejando imagens que fossem coerentes ou pelo menos que não apresentassem um descaso com o tema. Esse entendimento surge do princípio de que o fato do assunto ter surgido a partir deles mesmos, pela sua importância e seriedade, deveria ter sido trabalhado de forma mais respeitosa. O que vemos, no entanto, é que, de forma geral, os jovens acabam dando um tom mais leve e superficial ao assunto violência sexual. Esse, no entanto, ao ser exibido deve

provocar em quem o assiste um sentimento de desconforto, que instigue o espectador a pensar sobre esse tema. Os resultados desses primeiros registros trouxeram um pouco de angústia, pois reafirmo que existe sempre o receio de uma banalização.

No segundo e último momento de registro das imagens, dessa vez em um dia comum de aula, os mesmos estudantes envolvidos na primeira filmagem leram uma carta redigida pela moça vítima de estupro. O áudio registrado apresentou todos os sons de uma escola. Apesar do tom da voz que lia a referida carta ser quase mecânico e sem harmonizar com o assunto, a escolha de filmar uma parede enquanto o texto era lido foi extremamente criativo e brilhante, uma vez que surgiam nela sombras, que, do ponto de vista estético, ofereciam uma plasticidade e profundidade que faltavam à voz (FIG 6). Ficou muito original e, a princípio, eles não perceberam, mas a parede serviu de bloqueio para os sons externos, abafando-os e impedindo que o som do vídeo ficasse cheio de ruídos e incompreensível. As decisões tomadas por eles no momento da filmagem, mesmo que intuitivas, podem ser resultado das discussões em torno dos aspectos estéticos dos filmes apresentados.

Figura 6: Frames da sequência de leitura da carta do vídeo, *Depois do Silêncio*.



Fonte: Arquivo pessoal.

4. EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS: O PRODUTO FINAL

4.1 Criação

O processo de realização do vídeo, produto final do Plano de ação (ANEXO A), exigiu, desde o início, uma maior atenção na forma como os estudantes interpretariam o tema escolhido: violência sexual na juventude. Considerando isso, é coerente dizer que, desde as primeiras falas, quando discutíamos em sala de aula os aspectos relacionados à juventude, a captura das imagens e o momento da exibição, a delicadeza no tratamento do tema seria fundamental para envolver os estudantes. Paralelo à realização dessas ações, escutei o comentário de uma professora de Língua Portuguesa da mesma escola, que, ao mostrar para os estudantes de uma turma de oitavo ano um filme que tratava sobre estupro, observou que os rapazes atribuíam a responsabilidade pelo ato à própria vítima, como se ela desejasse tal situação. Essa atitude reforçou a necessidade de observar atentamente e orientar os caminhos que os estudantes utilizariam para apresentar tal assunto.

É importante relembrar que a escolha desse tema partiu deles mesmos, pois uma jovem que pertencia àquela turma sofrera um estupro no ano anterior. Considerando isso, surgiu a seguinte pergunta: Como falar de algo tão próximo sem provocar mágoa nessa jovem, sem banalizar o seu sofrimento? O respeito, nesse momento, teria de ser o norte para os jovens realizadores.

Iniciou-se, a partir desse momento, a discussão sobre quais estratégias seriam mais adequadas para tratar o caso da jovem. Os estudantes envolvidos na ação propuseram que a própria vítima relatasse o ocorrido, mas evitando sua identificação nas imagens. Havia, no entanto, a possibilidade do reconhecimento, foi necessário, portanto, buscar outras formas de tratamento. Sugeri, então, que a jovem escrevesse sobre o assunto e que as meninas lessem a sua história de uma forma respeitosa. Aliado a esse relato, também solicitei que pensassem imagens poéticas que refletissem a sensibilidade da vítima e que afetassem o espectador.

Talvez por falta de tempo ou entendimento da minha sugestão, o grupo registrou apenas a pesquisa sobre o assunto e leu a carta da jovem. Pensar em elementos de valor abstrato seria um grande passo, porém, o excesso de imagens massificadoras que vemos todos os dias produz um distanciamento emocional nesses jovens. Faço, neste momento, uma referência ao cinema japonês, na figura do diretor Yasujiro Ozu, em seu filme *Bom Dia* (1959), que, pelo tratamento estético

das imagens, a sua coerência e a forma simples de falar de assuntos aparentemente corriqueiros na vida das pessoas conseguem expressar algo que vai além de si mesmo, que desnuda o está oculto no ser humano.

Apesar desses fatos, é importante valorizar a pesquisa realizada pelo grupo, demonstrada pela fala das estudantes ao apresentarem alguns dados estatísticos: “No Brasil mais de cinquenta mil pessoas são estupradas por ano. No ano de 2013, cinquenta mil trezentos e vinte casos de estupro, incluindo homens e mulheres, foram registradas na polícia de todo país”.

Não vou deter-me nesse tema extremamente importante, porque isso demandaria uma pesquisa mais específica, mas essas palavras, no entanto, ainda que retiradas da internet, demonstram a preocupação desses jovens de repassarem à comunidade escolar uma informação mais técnica e objetiva sobre o assunto em questão. Ao fazer isso, conseguem expressar-se de forma séria, sem cair na tão temida banalização.

4.2 Edição

O material bruto foi gravado em pleno momento de conclusão do ensino fundamental desses estudantes. Nesse período, as demandas de realização de provas, lançamento de notas e cerimônia de formandos tomaram todo o tempo de todos os envolvidos no Plano de ação. Diante disso, a estratégia definida para finalizar o projeto foi a edição e a exibição do vídeo para a escola logo no início das aulas em 2015. A edição ocorreria na escola, em momentos disponíveis do grupo, uma vez que já se encontrariam cursando o ensino médio. Quanto à exibição, aconteceria em um momento organizado, especificamente, para isso, com a presença dos ex-alunos e familiares. Nele seria possível exibir também as já mencionadas imagens produzidas no projeto realizado no ano de 2013.

Todas essas intenções precisaram ser reavaliadas quando me vi, em fevereiro de 2015, na condição de coordenadora pedagógica do turno da manhã. Apesar de ter o apoio de outra coordenadora, as condições de trabalho exigiam todo o tempo disponível, inclusive fora do turno da manhã. Diante disso, precisei buscar outras formas de realizar a edição das imagens produzidas pelo grupo. O meio encontrado para isso foi a rede social Facebook. Através dela, foi possível me comunicar com os ex-estudantes/realizadores de 2014 e construir virtualmente a estética do filme.

Essa construção ocorreu com o envio da proposta de edição de imagens,

para o qual o grupo forneceria o retorno após a visualização. Houve um momento em que fomos à escola e conversamos sobre a possibilidade de inserção de trechos de músicas da banda inglesa de rock progressivo, Pink Floyd, pois eu tinha conhecimento que apreciavam o seu trabalho. Também propus a música de Erick Satie para a introdução. Ambas as sugestões foram aceitas pelo grupo.

Sobre as imagens, houve um comentário interessante de uma das ex-estudantes, que disse estar aliviada porque achou que eu incluiria na edição os erros de gravação. Respondi que só faria isso caso solicitassem e que a ideia inicial envolvia apenas a apresentação dos dados pesquisados e a leitura da carta da vítima de estupro. Essa preocupação revela a falta de entendimento desses jovens sobre o seu direito de interferir nas imagens, apesar de afirmar em diversos momentos que eles poderiam editar da forma que julgassem mais adequada.

Na construção das imagens, percebi a ausência de elementos poéticos. Para solucionar isso, sugeri a inserção de uma sequência de sombras de mãos imitando pássaros. Essa sequência foi resultado de um exercício fílmico extremamente interessante, em que os estudantes da mesma turma precisaram registrar, através da câmera do seu celular, sombras e movimentos. Foram várias as imagens produzidas durante esse exercício, mas a que parecia associar-se com a ideia do desejo de liberdade após o aprisionamento, o que ocorreu com a jovem vítima, foram os pássaros (FIG. 7).

Figura 7: Frame da sequência de pássaros do vídeo, *Depois do Silêncio*.



Fonte: Arquivo pessoal.

Outra proposta importante foi o nome do produto final. A princípio sugeri algo bem simples como “Violência Sexual na Juventude” ou algo similar. Ao avaliar, porém, o material editado, entendi que precisaria um nome que expressasse melhor a angústia daquela situação. Revendo a leitura da carta, em algumas passagens fica evidente o silêncio da vítima diante da violência praticada contra ela. Esse silêncio surge em meio à impossibilidade de pedir socorro, o risco iminente de morte. Tentar traduzir isso também através do título tornou-se algo fundamental, por isso o nome: “Depois do Silêncio”.

Para todas essas propostas apresentadas para a edição, houve concordância por parte do grupo, mas, ao analisá-las, percebi que não alcançara o que desejava: que o grupo participasse mais ativamente dessa etapa. Apesar disso, a apresentação do resultado da edição a esses jovens realizadores foi fundamental para fazê-los entender que toda a imagem cinematográfica deve possuir uma intencionalidade, que não existe o cinema aleatório.

4.3 Exibição

A exibição do vídeo para a escola ocorreu em um contexto complexo, porque, logo no início do ano letivo de 2015, já no papel de coordenadora, precisei lidar com a organização do turno, questões indisciplinadas graves de vários estudantes, licenças médicas de professores e ainda a inexistência de outros problemas. Existia a ideia de apresentar o vídeo à noite com a presença dos ex-estudantes, familiares e uma turma da manhã, no entanto, isso foi abandonado devido à ausência de resposta do grupo através do Facebook, o que seria essencial para organizar esse momento.

O passo seguinte, portanto, foi analisar qual seria a melhor forma de mostrar o vídeo durante o período da manhã. Nessa análise, precisei considerar a demanda constante da minha presença para solucionar os conflitos da escola, a necessidade de substituição de professores e ainda a condição dos equipamentos da escola: a televisão e o datashow que estão instalados na sala de vídeo estragaram. Finalmente no dia 20 de março de 2015, no meio da manhã, ao verificar a chegada de uma professora substituta, deparei-me finalmente com um horário disponível para a exibição. Para que ela ocorresse, foi necessária a negociação com a professora de

Língua Portuguesa presente na turma de oitavo ano. Essa turma especificamente, também interagiu em 2014 com a proposta do Plano de ação do LASEB, à medida que, através das orientações do curso de especialização, produziu uma pequena animação em stop motion.

Para que a exibição se efetivasse, precisei levar para a sala de aula o datashow reserva da escola, a minha caixa amplificadora, notebook e extensões. Após longos minutos para a instalação do equipamento, iniciei uma explicação rápida sobre a proposta do vídeo da turma do 9º ano de 2014 e também aproveitei a oportunidade para mostrar a animação já editada também realizada no ano anterior.

A turma de estudantes demonstrou-se, surpreendentemente, receptiva ao assistir o vídeo, pois ficou praticamente silenciosa e atenta, mesmo considerando o fato de que o horário da professora de Língua Portuguesa já havia encerrado e iniciado o horário de Educação Física. Sobre isso, precisei negociar a disponibilização da quadra para esses estudantes durante o recreio, como forma de compensação pelo momento da aula “perdida”.

Mesmo que a realização da exibição tenha finalmente ocorrido, não a considero como uma etapa encerrada. O vídeo produzido fará parte do acervo da escola, portanto, passível de novas visualizações e ainda há a pretensão de que ele caracterize um momento importante da trajetória escolar dos estudantes. Como um registro de sua memória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de uma produção audiovisual pelos jovens da Escola Municipal Cora Coralina demonstrou a necessidade de proporcionar um amadurecimento dessas práticas no interior da escola. A sua execução, devido às especificidades existentes nesse meio, que demandam conhecimento técnico e organização de tempo e espaços propícios à sua realização, demonstrou que a escola permanece em um lugar ainda aquém das potencialidades da juventude. Entender esses aspectos e dialogar sobre eles junto às gestões escolares e aos docentes são ações fundamentais para viabilizar essa prática libertadora.

Libertadora sim, porque possibilita ao jovem dizer o que lhe é negado, revelar os seus desejos e afetos, sem correr o risco do silêncio. Os mecanismos que possibilitam essa expressão são as tecnologias mais recentes, como celulares, tablets, notebooks e a própria internet. Através deles, a possibilidade de calar esses jovens é distante. O meio fomenta a comunicação e a vontade de falar de si. Entretanto, estamos sempre questionando esses veículos e os compreendendo como objetos alienantes, mesmo considerando que, em nossa juventude, também existiam os mecanismos ou práticas alienadoras. A TV foi a primeira delas. Somente superamos isso quando nos apropriamos dessas ferramentas ou mecanismos e alteramos o seu sentido inicial.

Esses facilitadores da expressão audiovisual propiciaram o aprofundamento e, conseqüentemente, a discussão em torno das autorreferências, o falar de si mesmo. Nesse momento, cabe aqui uma reflexão: À medida que uma tecnologia facilita a produção de um vídeo artístico ou até mesmo um selfie, ela não elimina a possibilidade de expansão da criatividade, uma vez que fica restrita a um espaço virtual que contamina as autoimagens produzidas pelos jovens, fazendo-os ter uma noção equivocada sobre si mesmo? Seria muita pretensão determinar o que vem à cabeça desses jovens, mas não impede que pensemos o porquê de uma adolescente exibir o próprio corpo de uma forma agressiva, em sites de comunidades virtuais ou, então, utilizar a imagem de outro para explorar ideias preconceituosas. Esse é o lado vil dessas pessoas.

Diante disso, como introduzir o assunto cinema sem fazer referência a todo esse caleidoscópio contemporâneo? Como falar de Charles Chaplin sem fazer referência ao pastelão grotesco dos dias de hoje? Como discutir a violência de *Taxi*

Driver, sem lembrar que muitos dos conceitos contestadores apresentados nesse filme foram expostos durante as manifestações ocorridas nas ruas em todo o Brasil em junho de 2013. Essas manifestações apresentavam diversas reivindicações de caráter ético e econômico.

Todas essas colocações surgem em função da necessidade de entendermos em que contexto real as escolas com um público adolescente se encontram. Nessa medida, produzir filme, vídeo, teatro ou foto requer sempre o cuidado com a banalização. Lembrando Maturana (1997), a organização cíclica da autopoieses em que um ser vivo produz a si mesmo e que todo movimento surge dentro dele e a partir dele, faz com que pensemos que uma produção com e para os adolescentes deva ser pensada por eles. Interferir demasiadamente nesse processo caracterizaria um desvirtuamento do próprio sentido primordial deste trabalho: a percepção de si mesmo, de suas potencialidades e sua inclusão na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARRA, Regina Ferreira. Cinema com e para Educadores: uma proposta de extensão universitária. III CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN ARGENTINA DE ESTUDIOS DE CINE Y AUDIOVISUAL. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
- BERGALA, Alain. *A hipótese-cinema*. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/188001927/BERGALA-Alain-A-Hipoteses-Cinema>>. Acesso em: 12 ago. 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1997. (v. Arte)
- FRESQUET, Adriana. *Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013a.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- FRESQUET, Adriana (Org.). Experiências com Professores e Estudantes. In: *Currículo de Cinema para escolas de Educação Básica*. Rio de Janeiro: Booklink-Cinead-LISE-FE/UFRJ, 2013b. p. 89-98
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo*. 3. ed.. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MODRO, Nielson Ribeiro. *Cineducação 2: usando o cinema na sala de aula*. Joinville: Editora Univale, 2006.
- PARAÍSO, Marlucy A. O currículo entre a busca por “bom desempenho” e a garantia das diferenças. In: SANTOS, L. L. [et. al.] (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 132-52.
- RAMOS, Ana Lúcia Azevedo; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Os Professores e o Cinema na Companhia de Bergala. *Revista Contemporânea de Educação*, vol. 5, n. 10, jul/dez 2010.
- RANCIÈRE, Jacques. *O Espectador Emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- ROCHA, Adriano Medeiros da (Org.). *Audiovisual e Juventude: documentando patrimônios*. Ouro Preto: UFOP, 2011.
- SANTOS, Nara Cristina. Autopoiese: uma possível referência para compreender a arte como sistema. *Anais...16º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO*

NACIONAL DE PESQUISADORES DE ARTES PLÁSTICAS DINÂMICAS
EPISTEMOLÓGICAS EM ARTES VISUAIS, Florianópolis, 24 a 28 de setembro de
2007, p.433-441. Disponível em:
<<http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/044.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

FILMOGRAFIA

BOM dia. Direção: Yasujiro Ozu. São Paulo: Magnus Opus Collection, 1959.
Tradução de Ohayo. 1 DVD (93 min), son., color., legendado.

BRILHO Eterno de uma Mente Sem Lembranças. Diretor: Michel Gondry. Manaus:
Microservice, 2004. Tradução de Eternal Sunshine of the Spotless Mind. 1 DVD (108
min), son., color., legendado.

CINEMA Paradiso. Direção: Giuseppe Tornatore. São Paulo: Versátil Home Vídeo,
1988. Tradução de Nuovo Cinema Paradiso. 1 DVD (123 min), son., color.,
legendado.

DOMÉSTICAS. Direção: Fernando Meirelles. São Paulo: Imagem Filmes, 2001. 1
DVD (85 min), son., color.

FAÇA a Coisa Certa. Direção: Spike Lee. Manaus: Microservice, 1989. Tradução de
Do the Right Thing. 1 DVD (120 min), son., color., legendado.

ILHA das Flores. Direção: Jorge Furtado. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto
Alegre, 1989 (15 min). Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?
v=e7sD6mdXUyg](https://www.youtube.com/watch?v=e7sD6mdXUyg)>. Acesso em: 16 de mai. de 2014

JUVENTUDE Transviada. Direção: Nicholas Ray. Manaus: Microservice, 1955.
Tradução de Rebel Without a Cause. 1 DVD (111 min), son., color., legendado.

O ILUMINADO. Direção: Stanley Kubrick. Manaus: Videolar S/A, 1980. Tradução de
The Shining. 1 DVD (146 min), son., color., legendado.

QUEM tem medo de Cris Negão. Direção: René Guerra. São Paulo: Preta Portê
Filmes, 2012. Exibido no Canal Brasil em 21 de novembro de 2014.

TAXI Driver. Direção: Martin Scorsese. Manaus: Videolar S/A, 1976. 1 DVD (114
min), son., color., legendado.

TEMPOS Modernos. Direção: Charles Chaplin. Estados Unidos: United Artists, 1936
(83 min). Tradução de Modern Times. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Vqnorw_Uwes>. Acesso em: 11 de abr. de 2015

VIAGEM à Lua. Direção: George Méliés. Paris, Star Films, 1902 (16 min). Tradução
de Le Voyage dans la lune. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?
v=_FrdVdKlxUk](https://www.youtube.com/watch?v=_FrdVdKlxUk)>. Acesso em: 16 de mai. de 2014>.

APÊNDICES

Apêndice A — Solicitação para autorização para desenvolvimento de pesquisa



Belo Horizonte, 6 de dezembro de 2014.

Prezado(a)

Diretor(a),

Solicitamos sua autorização para que a professora/cursista Isabel Maria Ivas de Rezende do curso de Especialização em Formação de Educadores para Básica da Faculdade de Educação/UFMG desenvolva seu projeto de pesquisa nessa instituição, ao longo deste ano.

Esclarecemos que este projeto é orientado por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um *Plano de ação* relacionado às temáticas do curso e as questões de interesse das escolas da Rede Municipal de Ensino.

Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos da parceria entre a FaE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação deste projeto constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos no projeto, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos filhos em atividades e registros.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para melhores esclarecimentos sobre esse curso e os projetos através dele desenvolvidos.

Atenciosamente


Vanessa Sena Tomaz
CIC 515 329 216-91
M 2716653 – SSP/MG
Pesquisadora

Apêndice B — Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos sem fins lucrativos



Coordenadora Geral do Curso

LASEB

Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 6 de dezembro de 2014.

Aos Pais/Responsáveis:

A Profa. Isabel Maria Ivas de Rezende desenvolverá, nesta escola, o projeto “Expressão audiovisual na Juventude: possibilidades de resgate e valorização da memória individual através da produção autoral” relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Esse trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,


Vanessa Sena Tomaz
CIC 515 329 216-91
M 2716653 – SSP/MG
Pesquisadora

Coordenadora Geral do Curso

Nome do aluno (a):

De acordo: assinatura dos pais/responsáveis pelo(a) aluno(a): _____

ANEXO

Anexo A — Vídeo: *Depois do Silêncio* (Produto final do Plano de Ação)